



O ESPORTE ENQUANTO DIREITO DOS CORPOS DIVERSOS¹

SPORT AS A RIGHT OF THE BODIES DIVERSE.

EL DEPORTE COMO DERECHO DE LOS CUERPOS DIVERSOS

Jacqueline Cristina Jesus Martins

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo - (SME-SP)

INTRODUÇÃO

Este relato apresenta a experiência de um trabalho realizado nas aulas de Educação Física na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no centro integrado de educação de jovens e adultos - CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano, escola que atende exclusivamente a modalidade EJA. A presença de jovens, idosos, pessoas com deficiência, pessoas LGBTQIA+ dentro da escola, faz com que seja necessário a tematização e problematização da participação desses sujeitos nas práticas corporais.

O PERCURSO

No ano de 2022 o componente curricular educação física trabalhou em conjunto com a área de ciências humanas. Partindo do tema da área: diversidade e direitos humanos, a educação física trouxe para as aulas o tema: o esporte enquanto o direito dos corpos diversos. Tendo como objetivo conhecer, ressignificar, aprofundar e ampliar os conhecimentos dos estudantes a respeito da presença de diferentes corpos nas práticas corporais.

O trabalho foi iniciado com um debate sobre os padrões de beleza corporal, evidenciando a presença de padrões racistas e gordofóbicos. Demos continuidade aos debates e realizamos uma atividade reconhecendo a diversidade dos corpos dos atletas brasileiros que haviam ido para os Jogos Olímpicos de Tóquio, observamos diferentes tipos de corpos

¹ O trabalho não contou com apoio financeiro de alguma natureza para sua realização.



presentes entre os atletas e falamos sobre como biotipos se encaixam melhor em determinadas práticas corporais.

Ao tematizarmos os corpos idosos nas práticas corporais, assistimos alguns vídeos com a presença desses sujeitos em diferentes esportes, e em nossas vivências realizamos o estudo do vôlei dos adaptado aos idosos. Esse estudo culminou com a realização de um jogo contra um time de idosos, e essa atividade foi importante pois tivemos um contato com o grupo que pratica esse esporte e a partir daí pudemos desconstruir e ressignificar a ideia do corpo idoso.

Ao tratarmos das pessoas LGBTQIA+ nas práticas corporais, trouxemos algumas reportagens e alguns vídeos tratando tanto sobre a presença das pessoas trans no esporte como também dos homens gays e das mulheres lésbicas. Um dos vídeos tratava a criação de um time de futebol formado apenas por homens gays, pois eles relataram que sentiam medo ao jogar com homens héteros. A partir dos vídeos, um dos nossos estudantes que pertence a comunidade LGBTQIA+ se manifestou dizendo ter sofrido as mesmas coisas que os participantes do vídeo relataram. Enquanto vivência corporal não havia o que ser feito, visto que não há mudanças na forma de jogar ou nas regras, o importante era o debate, para que pudéssemos entender que o que afasta esses sujeitos das práticas corporais é homofobia, o preconceito e o medo.

Na sequência passamos a estudar a presença das pessoas com deficiência no esporte e para isso realizamos algumas vivências da bocha paralímpica, do goalball e do vôlei sentado. Além das vivências desses esportes em nossa escola, para ampliar e aprofundar o conhecimento dos estudantes sobre esse tema, fomos ao centro de treinamento paralímpico. Lá pudemos vivenciar alguns desses esportes, assistir competições, ver escolinhas de iniciação, treinos de atletas de seleção Brasileira e conversar com técnicos e jogadores das diferentes modalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do trabalho, notamos que os estudantes do CIEJA também foram ou estão afastada das práticas corporais pelos mesmos motivos: medo, vergonha, preconceito e homofobia. Reconhecemos a diversidade dos corpos e suas possibilidades de participarem das práticas corporais são direitos negados a grande parte desses sujeitos.



Ciências do Esporte / Educação Física, Soberania Popular no Brasil e na América Latina: Redirecionando as forças democráticas nas águas do Dragão do Mar

17 a 22 de setembro de 2023 / Fortaleza – Ceará

Durante o percurso, percebemos que novas leituras foram feitas a respeito do corpo idoso, e que nem sempre é um corpo frágil. Reconhecemos que as pessoas com deficiência também são sujeitos de direito, rompendo com aquele olhar de dó sobre os seus corpos. Desconstruímos a ideia de que o corpo atlético é apenas aquele jovem, magro e forte e passamos a compreender que um corpo atlético é aquele que te permite participar da atividade que você gosta e tem interesse. Compreendemos que as pessoas LGBTQIA+ são afastadas das práticas corporais pelas questões sociais, pois seus corpos não as impossibilitam de praticar.

Por fim, o trabalho nos ensinou que precisamos ressignificar as nossas formas de torcer nos esportes. Tanto em relação as falas e cantos ofensivos e homofóbicos que algumas torcidas e torcedores fazem durante os jogos, como também aprender a torcer em algumas modalidades paralímpicas, pois em nossas experiências assistindo uma competição de goalball, foi muito difícil para os estudantes se manterem em silêncio.

REFERÊNCIAS

NEIRA, M. G. Educação Física Cultural: Inspiração e prática pedagógica. Jundiaí: Paco, 2018.